



## AS CIÊNCIAS SOCIAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE PROJETO DE VIDA

Alexandre Barbosa Fraga<sup>1</sup>

### RESUMO

A Reforma do Ensino Médio, Lei n. 13.415/2017, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 trouxeram mudanças significativas para essa etapa da Educação Básica, entre as quais a sua divisão em formação geral e itinerários formativos e a organização por áreas de conhecimento. Além disso, com a reforma, um novo componente curricular passou a fazer parte do ensino escolar: Projeto de Vida. São três seus pilares: pessoal (pensar sobre si mesmo, sua identidade e aptidões), social (entender a realidade da localidade e sociedade na qual está inserido) e profissional (decidir a ocupação a que pretende se dedicar e planejar o caminho para tornar isso possível). Em muitos estados, esse componente obrigatório ocupa dois tempos semanais de aula em todas as séries do Ensino Médio. Além disso, recebeu material didático próprio advindo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021. O objetivo deste trabalho é examinar os livros didáticos de Projeto de Vida aprovados no PNLD 2021 que foram escritos por cientistas sociais. Para isso, a metodologia empregada é a análise documental, de documentos oficiais importantes para a investigação do Projeto de Vida, como a BNCC do Ensino Médio, o Edital de Convocação do PNLD 2021, o Guia Digital do PNLD 2021 e alguns dos livros didáticos aprovados. Os resultados indicaram possibilidades de ressignificação desse componente curricular e de aproximação com o arsenal temático e teórico das Ciências Sociais.

**Palavras-chave:** Novo Ensino Médio, Projeto de Vida, Ciências Sociais, Livro didático.

### INTRODUÇÃO

Com a Reforma do Ensino Médio, Lei n. 13.415/2017, um novo componente curricular passou a fazer parte do ensino escolar: Projeto de Vida. A ideia é permitir ao estudante refletir sobre seus sonhos, habilidades e planos para o futuro, elaborando estratégias para concretizá-los, pensando sobre as dificuldades e os obstáculos a serem enfrentados e escolhendo o itinerário mais compatível com o seu desejo e suas aspirações. Nesse sentido, são três os pilares desse componente curricular: pessoal (pensar sobre si mesmo, sua identidade e aptidões), social (entender a realidade da localidade e sociedade na qual está inserido) e profissional (decidir a ocupação a que pretende se dedicar e planejar o caminho para tornar isso possível). Em muitos estados, Projeto de Vida está presente com dois tempos

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da UERJ. Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Branco. Masculino. Rio de Janeiro – RJ. E-mail: [alexbraga@yahoo.com.br](mailto:alexbraga@yahoo.com.br).



de aula semanais em todas as séries do Ensino Médio, podendo ser oferecida por professores com qualquer formação.

Para auxiliar o ensino desse novo componente curricular, com o qual, em geral, os docentes não tinham experiência prévia, a edição de 2021 do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) foi adaptada a esse novo contexto. Nesse programa de avaliação, compra e distribuição de manuais didáticos para as escolas públicas, os livros, anteriormente por disciplinas, deram lugar a obras por áreas de conhecimento, além de também terem sido produzidos livros de Projetos integradores por áreas, de Projeto de Vida e de Formação continuada destinada aos professores e à equipe gestora. No caso do componente curricular de Projeto de Vida, o PNLD 2021 aprovou 24 livros didáticos.<sup>2</sup> Nesse contexto da reforma, em muitos estados, houve perda de carga horária pelos professores de Sociologia, pois as aulas da disciplina foram reduzidas.

## **OBJETIVOS E METODOLOGIA**

O objetivo deste trabalho é analisar uma determinada possibilidade de resistência, na qual os professores de Sociologia resolvem mobilizar os conteúdos de Ciências Sociais ao assumirem as aulas de Projeto de Vida. Para isso, serão analisados os livros didáticos desse componente curricular indicados no PNLD 2021 e que foram escritos por cientistas sociais (LADISLAU; BASSI; SINGER; ROCHA; MEDEIROS; JUSTO, 2020; OLIVEIRA; ROTA, 2020; PEREIRA, 2020.). Portanto, a metodologia utilizada é a análise documental, de documentos oficiais importantes para a investigação do componente curricular Projeto de Vida, como a BNCC do Ensino Médio, o Edital de Convocação do PNLD 2021, o Guia Digital do PNLD 2021 e alguns dos livros didáticos aprovados.

Ao serem implementadas nas escolas, as aulas de Projeto de Vida foram vistas de forma negativa por grande parte dos professores. Em primeiro lugar, por em geral não ter havido uma preparação para lecioná-las e nem ser um componente para o qual alguém foi formado na universidade. Em segundo lugar, por terem sido utilizadas pelas escolas para alocar professores com tempos faltando, mesmo que não mostrassem interesse por ministrar essa disciplina. Em terceiro lugar, por não ter ficado claro seu lastro científico e os conteúdos a serem ministrados. Como reação, foram adotadas duas possibilidades de resistência docente: não aceitar ministrar aulas de Projeto de Vida, rejeitando as mudanças trazidas pela Reforma

---

<sup>2</sup> Em 2024, o Ministério da Educação no governo Lula resolveu não incluir livros de Projeto de Vida no PNLD 2026.

do Ensino Médio, e aceitar assumir Projeto de Vida, mas aproximando-o do arsenal temático e teórico das Ciências Sociais.

## RESULTADOS

No governo Dilma, houve duas versões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em um primeiro período, 2013 a 2014, o debate restringiu-se ao Ministério da Educação (MEC) e às universidades, enquanto em um segundo momento, de 2015 a 2016, alcançou mais a sociedade civil e grandes grupos empresariais ligados à educação (SILVA, 2020). Tanto na primeira versão da BNCC, de setembro de 2015, quanto na segunda, de maio de 2016, além da organização por áreas de conhecimento, detalharam-se os componentes curriculares que as constituem e os direitos e objetivos da aprendizagem previstos para cada um deles, assegurando, ainda, uma parte comum e outra diversificada (BRASIL, 2015, 2016). Nas duas versões apresentadas no governo de Dilma Rousseff, a BNCC ficou sob responsabilidade de um grupo de especialistas vinculados às universidades, e os institutos e fundações empresariais de educação foram atores importantes, mas coadjuvantes em sua elaboração.

Com o processo de impeachment aberto e o afastamento de Dilma Rousseff em agosto de 2016, a Base ficou em suspenso até a recomposição do MEC. Em setembro desse mesmo ano, o presidente interino Michel Temer (MDB) lançou a Medida Provisória (MP) n. 746, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e reformou o Ensino Médio. Portanto, diferentemente do modo mais democrático como a reforma estava sendo debatida anteriormente, a opção por uma MP mostrou-se impositiva. No governo Temer, os institutos e fundações empresariais de educação passaram para a condição de protagonistas e assumiram o controle da elaboração da BNCC (MICHETTI, 2020). Com isso, a iniciativa privada poderia tanto fomentar o lucrativo mercado da educação, oferecendo serviços, cursos de formação, consultorias e material didático afinado às suas concepções, quanto formar mão de obra já moldada à lógica flexível e empreendedora do capitalismo em seu estágio atual.

Na reforma e na versão definitiva da BNCC, o Projeto de Vida ganhou centralidade. A Lei n. 13.415/2017 inclui, por exemplo, na LDB, o Art. 35-A, que em seu inciso 7º afirma: “Os currículos do Ensino Médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais” (BRASIL, 1996). As novas Diretrizes



Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), por sua vez, estabelecem, em seu Art. 5º, entre outros, o seguinte princípio orientador dessa etapa de ensino: “projeto de vida como estratégia de reflexão sobre trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante” (BRASIL, 2018a). E, em seu Art. 27, determinam que a proposta de ensino das unidades escolares deve considerar o projeto de vida e a carreira do estudante como uma estratégia pedagógica, a partir de seus interesses, talentos, desejos e potencialidades.

Na BNCC, há uma seção específica sobre o Projeto de Vida, na qual é considerado eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas e cumprir seu compromisso. Nesse documento, ele é definido como o que “os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória” (BRASIL, 2018b, p. 472). Ainda que o Projeto de Vida seja obrigatório, não há na Lei n. 13.415/2017 ou na BNCC uma exigência para que sua oferta ganhe a forma de uma disciplina autônoma, podendo figurar também como eixo transversal a ser mobilizado em diferentes matérias. No entanto, grande parte das escolas e dos currículos das secretarias estaduais de educação seguiu mesmo o primeiro caminho. Em ambas as alternativas, as instituições de ensino seriam, então, lugares privilegiados para os jovens refletirem sobre essas possibilidades e obstáculos e planejarem seus próximos passos.

O Edital de Convocação do PNLD 2021 (BRASIL, 2019), voltado às editoras dispostas a submeterem livros para avaliação do MEC, explicitou as três dimensões distintas, mas interconectadas, a serem trabalhadas no Projeto de Vida e, segundo o documento, imprescindíveis na formação de sujeitos. A primeira delas é a pessoal e está ligada ao encontro consigo mesmo, demandando autoconhecimento, que “envolve aprender a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo assim a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, sendo resiliente e autônomo, estabelecendo objetivos, de forma planejada, para a sua vida” (BRASIL, 2019, p. 67).

A segunda dimensão é a social/cidadã e está conectada ao encontro com o outro e o mundo, demandando expansão de horizontes e exploração da realidade externa ao indivíduo. Nela, é importante o estudante refletir sobre as suas relações com a sociedade e pensar a respeito da realidade brasileira e mundial e das questões sociais, culturais e ambientais contemporâneas, na perspectiva de uma formação cidadã. Nesse sentido, é possível ampliar seus relacionamentos interpessoais e adotar um comportamento respeitoso e ético na convivência com os demais.



Por fim, a terceira dimensão é a profissional e está relacionada ao encontro com o futuro e o nós, demandando planejamento. A ideia é permitir aos estudantes, primeiramente, pensarem sobre como desejam continuar seus estudos após o Ensino Médio e/ou quais as suas pretensões e oportunidades para inserção no mundo do trabalho. Além disso, em segundo lugar, possibilitar a eles que organizem um plano para concretizarem suas aspirações, para que reconheçam o caminho que precisa ser percorrido e as etapas e os obstáculos a serem enfrentados para a realização de seus sonhos.

Ao serem implementadas nas escolas, as aulas de Projeto de Vida foram vistas de forma negativa por grande parte dos professores. Em primeiro lugar, por em geral não ter havido uma preparação para lecioná-las e nem ser um componente para o qual alguém foi formado na universidade. Em segundo lugar, por terem sido utilizadas pelas escolas para alocar professores com tempos faltando, mesmo que não mostrassem interesse por ministrar essa disciplina. Em terceiro lugar, por não ter ficado claro seu lastro científico e os conteúdos a serem ministrados. Como reação, foram adotadas duas possibilidades de resistência docente: não aceitar ministrar aulas de Projeto de Vida, rejeitando as mudanças trazidas pela Reforma do Ensino Médio, e aceitar assumir Projeto de Vida, mas aproximando-o do arsenal temático e teórico das Ciências Sociais.

Ambas as possibilidades podem ser relacionadas ao conceito de resistência de James Scott (1985, 2002, 2013). Para esse autor, há formas cotidianas, fragmentadas e difusas de resistência que são armas comuns dos grupos relativamente sem poder, “armas dos fracos”. Elas não transformam o sistema, mas o afetam lateralmente e garantem condições mínimas de sobrevivência. No caso estudado por ele na Malásia, de camponeses lutando contra a mecanização da colheita de arroz, observou, por exemplo, fazerem “corpo mole”, os incêndios premeditados, a fofoca e a sabotagem. No caso dos professores de Sociologia, poderiam até estar em ações coletivas e organizadas buscando condições políticas para a revogação da Reforma do Ensino Médio. Mas o que interessa aqui é que, simultaneamente, para enfrentar as consequências dessa reforma no cotidiano de trabalho deles, confrontaram simbolicamente a diminuição dos tempos de Sociologia e a centralidade ocupada pelo Projeto de Vida da forma como puderam.

No segundo caminho de resistência indicado, o Projeto de Vida, segundo Macedo (2023), pode ser ministrado para além de uma questão de mérito ou sucesso individual, enfatizando as características socioculturais de formação das desigualdades sociais, as estruturas estratificadas da sociedade brasileira e como elas interferem na trajetória das

pessoas. Precisa estar integrado a metodologias científicas, como as das Ciências Sociais, para não cair em um vazio científico, psicologizante e destituído de propósito pedagógico. Da mesma forma, de acordo com Martins e Fraga (2022), a incorporação no Projeto de Vida de conhecimentos das Ciências Sociais e de interpretações sociológicas e críticas, em uma subversão interna, permite problematizar a supervalorização da ação individual e enfatizar os aspectos da estrutura social que envolvem qualquer trajetória de vida. Veremos se esse entendimento também está presente nos livros didáticos desse componente curricular.

Após a avaliação dos livros inscritos pelas editoras, foi lançado o Guia Digital do PNLD 2021 para o componente curricular Projeto de Vida (BRASIL, 2021). Esse documento estava voltado aos docentes para que pudessem conhecer exatamente as obras aprovadas, de forma a possibilitar uma escolha embasada de qual delas pretendiam adotar. Em março de 2021, os professores de cada escola pública com Ensino Médio deveriam ler o Guia, reunir-se, debater os prós e contras de cada livro, redigir uma ata desse encontro e comunicar à direção qual a opção indicada, a ser registrada no sistema do MEC, recebida e utilizada pelos próximos quatro anos. Para permitir essa escolha, o Guia disponibilizou a resenha de cada uma das 24 obras didáticas aprovadas, dividindo-a em quatro seções: “Visão Geral”, “Descrição da Obra”, “Análise da Obra” e “Em Sala de Aula”.

A produção dessas 24 obras contou com a participação de 53 pessoas. Divididas de 1 a 6 por livro, a maior parte foi escrita por duplas. Com base nas informações de filiação, atuação e trajetória profissional disponíveis na folha de rosto de cada material didático e complementada por pesquisa na Plataforma Lattes e na internet, é possível constatar grande diversidade em seus campos de formação. Há autores de áreas já há muito tempo presentes na Educação Básica e com tradição e experiência na produção de livros didáticos, tais como Pedagogia, Letras, História, Geografia, Ciências Sociais, Artes e Biologia. Ao mesmo tempo, o componente Projeto de Vida abriu a porta para a aproximação do Ensino Médio com outras áreas e profissionais, entre os quais da Psicologia, da Psiquiatria, da Comunicação Social, da Administração, do Direito, do Serviço Social e do mercado financeiro.

Nesse conjunto de obras, três delas tiveram entre seus autores cientistas sociais e, por isso, serão analisadas neste tópico, de forma a observar se e de que forma incorporaram conhecimentos das Ciências Sociais no componente Projeto de Vida. A primeira delas é *Valor de uma voz*, publicada pela Editora Moderna e escrita por Douglas Ladislau, Flavio Bassi (graduado em Ciências Sociais e mestre em Antropologia Social), Helena Singer (graduada em Ciências Sociais e mestre e doutora em Sociologia), Julciane Castro da Rocha, Luana de



Medeiros e Marcelo Gomes Justo. A segunda é *Projeto de Vida: um projeto vital*, da Editora Hedra Educação e de autoria de Paulo Edison de Oliveira (graduado e mestre em Ciências Sociais e doutor em Antropologia) e Paulo Jorge Storace Rota. Por fim, a terceira é *Meu projeto de vida: uma aventura entre sonhos e desafios*, de Alexandre Barbosa Pereira (graduado em Ciências Sociais e mestre e doutor em Antropologia Social), publicada pela Editora Tulipa.

Em termos de conteúdo, os três livros trabalham efetivamente com aquele tripé dimensional: pessoal (o encontro consigo), social/cidadão (o encontro com o outro e o mundo) e profissional (o encontro com o futuro e o nós), evidente no próprio sumário das obras que as divide em três partes correspondendo a esses elementos. É possível observar que, em geral, a primeira dimensão aparece mais aproximada da Psicologia, mesmo que sem um lastro científico mais aprofundado. A segunda é a que potencialmente mais se abre para as Ciências Sociais, buscando situar os estudantes nas relações sociais, culturais, econômicas e históricas de que fazem parte na sociedade em que vivem. E a terceira, dependendo da perspectiva adotada pelo livro, apresenta o mercado de trabalho com suas potencialidades, mas também com seus limites e precarizações, trazendo elementos problematizados pela Sociologia do Trabalho.

Outro aspecto comum aos três livros, e muito caro às Ciências Sociais, é o da ação humana e da estrutura social. A questão em voga pode ser formulada da seguinte forma: até que ponto o ser humano é um indivíduo que controla as condições da própria vida ou a maior parte do que faz resulta de forças sociais exteriores ao seu controle? Essa questão foi respondida de formas diferentes pelos sociólogos. Alguns deles, como Durkheim e os funcionalistas, deram mais peso à estrutura, enfatizando a força constrangedora das influências sociais sobre os seres humanos. Outros, como Weber e os interacionistas simbólicos, colocaram mais peso na ação, enfatizando os componentes ativos e criativos do comportamento humano. Marx também enfatizou a estrutura social, já que as “âncoras materiais” da consciência tornam essa consciência, desde o início, um produto social. Contudo, ao mesmo tempo, a tensão ação-estrutura aparece em seus escritos na ideia de que os seres humanos fazem sua própria história, mas não conforme sua vontade ou escolha, e sim em circunstâncias dadas.

A divisão entre teorias da ação e teorias estruturais e o movimento entre elas, inclusive na teoria sociológica produzida a partir da Segunda Guerra, podem ser observados, segundo Jeffrey Alexander (1987), como o movimento de um pêndulo, variando de um extremo ao



outro. Alexander defendeu que a unilateralidade gerou contradições nas teorias da ação e da estrutura e as tornou igualmente insatisfatórias, sendo necessário articular ação e estrutura em uma mesma teoria geral. Nesse sentido, na Sociologia contemporânea, alguns autores tentaram, a partir da década de 1970, criar teorias de síntese que pudessem ultrapassar essa constante dicotomia, como Alain Touraine (teoria da subjetivação), Jürgen Habermas (teoria da ação comunicativa), Pierre Bourdieu (praxeologia), Anthony Giddens (teoria da estruturação), Manuel Castells (teoria das redes) e Norbert Elias (teoria configuracional).

No entanto, mesmo a vertente que deu mais peso à agência reconhece a existência de estruturas sociais, ainda que possa rejeitar a noção de que elas existam objetivamente e independentemente das ações sociais dos indivíduos. Nos livros, esse debate está presente em muitas partes e de diferentes formas, pois, na construção do projeto de vida dos estudantes, buscam articular dimensões individuais e dimensões coletivas, examinando como a biografia de alguém é impactada pelas condições econômicas, sociais e culturais vivenciadas. Nesse sentido, as pessoas não tomam decisões no vazio, mas a partir de um conjunto de possibilidades que varia, a depender da posição ocupada por cada um na interseção das muitas estruturas sociais existentes.

O livro *Valor de uma voz*, no módulo 2, voltado à dimensão social/cidadã, aborda a diversidade, a convivência com as diferenças e as distintas desigualdades. Nesse sentido, mobiliza os conceitos de identidade, alteridade, estranhamento e choque cultural, dialogando com a Antropologia e com Claude Lévi-Strauss. Desenvolve a ideia de conflito social, bem comum, incentivos e barreiras para a participação social e política. Trata-se também das instituições, que estruturam conjuntos de regras e normas ordenadoras das interações entre indivíduos e organizações. O módulo 3, dedicado à dimensão profissional, aborda o trabalho e suas características atuais, as transformações do taylorismo e fordismo para o trabalho flexível, os movimentos sociais e as ações coletivas, a interdependência entre as pessoas, o mundo do trabalho e o mercado de trabalho, o trabalho como direito humano, a economia capitalista e a economia estatal, e as desigualdades sociais, de raça e de gênero.

Por sua vez, o livro *Projeto de Vida: um projeto vital*, já no módulo 1, sobre o encontro consigo e a dimensão pessoal, abre possibilidades de diálogo não apenas com a Psicologia, mas com as Ciências Sociais. Nele, reflete sobre as sociedades capitalistas, a naturalização e a desnaturalização das desigualdades sociais, o patriarcalismo, o machismo, o sexismo, o escravismo, o racismo, a igualdade e a equidade, e a falta de oportunidades iguais para todos os indivíduos devido às desigualdades econômicas, étnicas, geracionais, regionais,

fisiodiversas, neorodiversas e de gênero. Problematisa também em que medida a existência e a individualidade de cada um são marcadas pelo contexto social vivido e pelos papéis representados no cotidiano. Aborda a diversidade étnico-racial e cultural, a construção das identidades, a diferença entre cultura material e imaterial, o conceito de gênero e de identidade de gênero e a relação entre indivíduo e sociedade (com trecho de Norbert Elias).

Assim como o livro anterior, o módulo 2 é dedicado à dimensão cidadã. Ele trata das diferentes juventudes, da condição juvenil e das culturas juvenis com base nos sociólogos Juarez Dayrell e Alberto Melucci, da construção de biografias diante das imposições da realidade social, e da crítica à ideia de meritocracia, compreendida como falaciosa e perversa. O módulo 3, com o foco na dimensão profissional, apresenta o mundo do trabalho em seus desafios e oportunidades, e problematisa a construção de trajetórias de vida e as possibilidades de escolhas e carreiras na sociedade contemporânea. Aborda também o impacto da automação e da inteligência artificial sobre os empregos, e o futuro do trabalho em seus aspectos digital, colaborativo, baseado em conhecimento e tarefas, flexível e fluido. E, para encerrar, discute o cuidado de si, isto é, a forma como alguém lida consigo mesmo e com os outros, a partir de citação de Michel Foucault.

Por fim, o livro *Meu projeto de vida: uma aventura entre sonhos e desafios*, já no módulo 1, intitulado “O meu encontro comigo”, dialoga com as Ciências Sociais. Ao confrontar sonhos e desejos com condições concretas de realização deles, mobiliza os conceitos de repertório cultural (conjunto de experiências e saberes adquiridos ao longo da vida) e de campo de possibilidades (condições reais e recursos concretos para ação no mundo aos quais são confrontadas suas escolhas e decisões). Pondera que, em uma sociedade desigual, esse campo de possibilidades não se constitui da mesma forma para todos os indivíduos, existindo aqueles para os quais ele é mais amplo e com mais opções de escolha devido a privilégios sociais, culturais e econômicos, enquanto outros enfrentam maiores obstáculos. Aborda os efeitos das inovações tecnológicas sobre nossas vidas, a identidade e os papéis sociais da juventude (referenciando Erving Goffman).

O módulo 2 da obra, “O meu encontro com os outros”, traz o conceito de alteridade e de papéis sociais, versa sobre o estigma e preconceitos (citando Zygmunt Bauman), o estranho e o familiar, as culturas juvenis (de acordo com o sociólogo português José Machado Pais), o bem comum, os marcadores sociais da diferença (na concepção do antropólogo Márcio Zamboni) e a ação coletiva. Em seguida, o módulo 3, “O meu encontro com o mundo”, aborda a importância da cooperação (no entendimento de Richard Sennett), o mundo



da vida cotidiana (para Alfred Schutz), o mundo do trabalho e suas exigências, refletindo sobre os aspectos de formação e do trabalho. Esses são alguns dos elementos de diálogo dos três livros com as Ciências Sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob o impacto da reforma, parte dos professores de Sociologia aceitou oferecer Projeto de Vida, abrindo a possibilidade de ressignificá-lo. A análise das três obras desse componente curricular aprovadas no PNLD 2021 e escritas por cientistas sociais permitiu constatar alguns caminhos de aproximação com os conhecimentos das Ciências Sociais, sobretudo na chave de pensar o projeto de vida como algo que é constituído em uma via de mão dupla entre agência e estrutura. Ora isso aparece de forma direta, explicitando autores e arcabouços teóricos, ora de maneira indireta, trazendo temáticas de interesse da área e noções a serem traduzidas para conceitos efetivamente sociológicos. Esse é um esforço de transposição a ser assumido pelos professores formados em Ciências Sociais e dispostos a tomar essa tarefa como forma de resistência cotidiana (SCOTT, 1985, 2002).

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Jeffrey. O novo movimento teórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 2, n. 4, p. 5-28, jun. 1987.
- BRASIL. *Lei n. 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>>. Acesso em 04 jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2ª versão. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/bncc-2versao.revista.pdf>>. Acesso em 04 jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução n. 3*, de 21 de novembro de 2018a. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.



BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2018b. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf)>. Acesso em 04 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Edital de Convocação 3/2019-CGPLI*. Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2021. Brasília: MEC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Guia Digital PNLD 2021: Projeto de Vida*. Universidade Federal de Alagoas, 2021. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia\\_pnld\\_2021\\_proj\\_int\\_vida\\_pnld2021-didatico-projeto-de-vida.pdf](https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2021_proj_int_vida_pnld2021-didatico-projeto-de-vida.pdf). Acesso em 04 jun. 2025.

LADISLAU, Douglas; BASSI, Flavio; SINGER, Helena; ROCHA, Julciane da; MEDEIROS, Luana de; JUSTO, Marcelo. *Valor de uma voz*. Projeto de Vida. Manual do Professor. 1ª. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

MACEDO, Joana da Costa. “A Reforma Curricular nas escolas do Brasil: alguns pontos de discussão sobre o componente curricular Projeto de Vida e a BNCC”. In: PAIN, Rodrigo de Souza (Org.). *Sociologia e Educação: múltiplos olhares do ensino no Brasil e em Angola*. Boa Vista: Editora IOLE; Rio de Janeiro: EdTur, 2023. Pp. 149-172.

MARTINS, Rogéria; FRAGA, Paulo. “Projeto de Vida: o que a Sociologia no Ensino Médio pode dizer ou fazer sobre esse tema?” In: GOMES, Elias; DURÃES, Bruno; SÁ, Thiago (Org.). *Formação docente e ensino de Ciências Sociais no Brasil*. Alfenas-MG: Ed. UNIFAL-MG, 2022. Pp. 215-237.

MICHETTI, Miqueli. Entre a legitimação e a crítica: as disputas acerca da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 35, n. 102, 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/7NZC9VwjKWZKMv4SPQmTXPJ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 04 jun. 2025.

OLIVEIRA, Paulo; ROTA, Paulo. *Projeto de Vida: um projeto vital*. Manual do Professor. 1ª. ed. São Paulo: Hedra Educação, 2020.

PEREIRA, Alexandre. *Meu projeto de vida: uma aventura entre sonhos e desafios*. Manual do Professor. 1ª. ed. Canoas, RS: Tulipa, 2020.



SCOTT, James. *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. New Haven and London: Yale University Press, 1985.

SCOTT, James. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes*, v. 21, n. 01, p. 10-31, jan.-jun. 2002.

SCOTT, James. *A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos*. Lisboa: Letra Livre, 2013.

SILVA, Ileizi Fiorelli. “BNCC, o ensino de Sociologia e a”. In: BRUNETTA, Antonio; BODART, Cristiano; CIGALES, Marcelo. *Dicionário do Ensino de Sociologia*. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020. Pp. 51-55.